

Título do Trabalho:

Quando um aluno diz vamos direto ao ponto: Trabalhar é preciso.

Autora:

Heloisa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves

Professora substituta do Departamento de Administração da Universidade Federal Fluminense.

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ

Endereço:

Rua Barão de Mesquita 891 apt.103, Andaraí Cep 20540.002 RJ.

E-mail heloborgesgg@ig.com.br ou heloborgesgg@starmedia.com.br

Quando um aluno diz vamos direto ao ponto: Trabalhar é Preciso.

RESUMO

O trabalho como elemento de construção do ser humano.

Miguel de Simoni¹

O artigo é uma provocação sobre a responsabilidade social dos educadores das escolas de administração e demais.

Apresenta uma experiência de sala de aula objeto de diálogo entre uma professora e um professor, docentes de universidades federais distintas, que desde 1999 vem praticando uma interdisciplinariedade inter-institucional voluntária e dialogal.

O objetivo é provocar uma reflexão no corpo docente do ensino superior em administração, engenharia de produção e demais campos de conhecimento a respeito do lugar que vem o ser humano e o trabalho humano ocupando nas preocupações pedagógicas acadêmicas.

Abre uma discussão do trabalho humano, em sala de aula, e suas relações com a opção de projeto pedagógico individual docente, sinalizando possíveis implicações para a futura prática profissional discente e efeitos na sociedade.

1. Introdução

A história que motivou este artigo aconteceu no primeiro semestre de 2001, numa sala de aula, do 9º período, de um curso de graduação em administração de empresas, de uma universidade federal, na disciplina administração de recursos humanos.

Ocorreu o seguinte: Durante uma aula sobre o tema saúde, higiene e segurança no trabalho um aluno interrompe e diz,

"Dá um tempo professora!!! Vamos direto ao ponto. Não vou entrar em juízo de valor do que é bom ou ruim, mas se o trabalhador perdeu os dedos das mãos é problema dele. A empresa é que não poderá ficar com o custo de um trabalhador inútil; de mais a mais a máquina precisa de duas mãos com todos os dedos para fazê-la funcionar e dar lucros para a empresa, que é o que interessa".

Não é fácil acreditar no que está posto acima. Porém, pode ser só um vestígio do *icberberg* das evidências concretas em que o ser humano não é causa adequada no mundo acadêmico (ou não) .

¹ SIMONI, Miguel. Trabalhar é preciso. Reflexões sobre o conceito de trabalho humano e suas implicações para a engenharia de produção. Tese doutorado. Coppe/UFRJ. 1996.

Diante de tal fato o que pensar? O que fazer? O que e a quem responsabilizar? Todavia, seria possível se contra argumentar se é papel dos professores de ensino superior ter responsabilidade social em sala de aula, de vez que a lógica dominante preconiza que:

- 1- fazer e produzir se resumem apenas às práticas técnicas;
- 2- produtividade é apenas função da lucratividade econômica, permanecendo oculta a capacidade de responder às demandas sociais de seus interlocutores;
- 3- o ser humano não é o centro das preocupações do próprio homem e sim o capital, o dinheiro;
- 4- a universidade deve se preocupar, preponderantemente, com o mercado de trabalho e formar mão de obra para suprir a atual lógica do mercado.

Sendo estas as prescrições, qual é a natureza do discurso do estudante?

2. Desenvolvimento

2.1 Uma questão de projeto pedagógico

Para auxiliar a reflexão iniciaremos com uma provocação. Segundo Alberto Guerreiro Ramos (1989)², nenhum profissional carece mais do que o administrador de disciplinar a sua imaginação a fim de desempenhar o seu papel de agente ativo de mudanças sociais, do desenvolvimento, em suma.

Assim, se considerarmos que Guerreiro tinha razão, para além da racionalidade instrumental, surge, dentre outras, questões recorrentes a racionalidade pedagógica subjacente à prática docente no ensino superior.

Qual é a qualidade de gente (produto pedagógico) que se disponibiliza para a sociedade e para as organizações? Contribui-se (ou não) para uma formação de homens novos, administradores agentes ativo de mudanças sociais em prol da felicidade humana **de todos**? será que tal propósito é a delimitação dos danos e limites do trabalho docente?

Vejam os que diz Pedro Demo (1995)³, neste sentido.

O tema felicidade, que no campo da ciência aparece imediatamente como suspeito e arcaico, colocase com total naturalidade nas esteiras da sabedoria, do bom senso e da arte. Não há preocupação metodológica em definir, em sistematizar, em mensurar, em testar o que seria felicidade. A preocupação é outra, sobretudo de ordem prática: felicidade se encontra e se faz em comunidade, em convivência, em participação. No fundo, não há tema mais importante na sociedade humana, embora tenha sido enxotado da universidade, que não sabe o que fazer com ele. Ou talvez o reduza a meras conotações materiais, não só por ideologia, mas também por facilidade maior de manipulação metodológica. (p.20)

²Ramos, Guerreiro Alberto. Administração e Contexto Brasileiro. Fundação Getúlio Vargas. 2ed. Rio de Janeiro. 1983

³DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. 5 ed. Editora autores associados. Campinas. 1995.

Cabe aqui, estranhamento. Seria missão docente prever, prevenir e influir na atuação qualitativa dos futuros profissionais de administração, e demais categorias no aspecto felicidade humana? Seria esta a centralidade da nossa responsabilidade pedagógica? Seria este o sentido do trabalho docente comprometido com futuras implicações sociais?

Afinal, já não bastariam as condições de trabalho do docente, salas superlotadas, salários aviltados, precarização do trabalho de magistério superior, provão, estudantes despreparados oriundos do ensino médio e fundamental. Segundo uma pesquisa realizada, entre 1999 e 2001, junto aos 327 estudantes do 9º período, do curso de administração de uma universidade federal, situada no Rio de Janeiro, os estudantes declararam que cursam administração, porque: os "pais obrigaram", "os pais eram administradores", porque podem "fazer muitos concursos públicos", porque "não passaram no básico da engenharia", "porque é um curso generalista", porque "está na moda fazer administração".

Considerando tal contexto, até que ponto estamos convencidos das conseqüências de ser o nosso trabalho pedagógico uma especificidade humana? Segundo, Paulo Freire (1999)⁴, a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes. Assim, nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência pode passar despercebido pelo educador.

O trabalho docente é realizado com gente em sala de aula e em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores vigentes, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Portanto, exige um alto nível de responsabilidade ética de que a própria capacitação científica faz parte. Lidamos com gente, e não com coisas, por isso mesmo lidamos, independentemente, do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, lidamos com os sonhos e as esperanças dos nossos alunos.

Então, caberia indagar se estamos inserindo na atividade pedagógica o aluno como gente que pensa o ser humano como uma causa adequada? Ou a afetividade nos assusta? Consideramos a técnica apenas em um dos seus aspectos - servir à vida orgânica? Tememos expressá-la para servir à vida boa, ao bem-estar? Estamos afetivamente abertos para bem querer o aluno?

No meio deste turbilhão de individualismo metodológico podemos nos salvar positivamente, quando cumprimos a nossa parte - nosso projeto pedagógico, sem nos envolver com o "objeto": o aluno.

Tal atitude, lembrando Martin Buber (1974)⁵, estabelece uma relação Eu - Isso. Quando trabalhamos as ementas das disciplinas de forma "científica", transmitindo conteúdos sem juízo de valor, ensinando técnicas modernas de

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 12 ed. Paz e Terra. São Paulo. 1999.

⁵ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2ed. Editora Moraes. São Paulo. 1974.

gestão sem considerar o ser humano, sem meditação sobre a técnica como preconiza Ortega y Gasset (1991)⁶ e sobretudo desrespeitando o meio ambiente ao resguardar o conceito de eficiência e os resultados quantitativos que servirão para acumulação de bens, naturalmente dos atuais interesses hegemônicos.

Não se pode negar que estes são os frutos da prática Eu - Isso, são diversos, antagônicos ao bem estar e principalmente ao bem comum. Também, não se pode negar que a intervenção do aluno que nos serve de reflexão, é um produto de um processo pedagógico comprometido com a atual lógica do mercado, da técnica pela técnica, sem meditação e sem compromisso com valores em prol da felicidade humana. Portanto, a fala do estudante, destaca uma "aprendizagem exemplar", sobretudo das possíveis aplicações do conceito de eficiência preñado de antivalores humanísticos.

Todavia, a intervenção do aluno é somente uma fala, e não necessariamente venha a ser uma efetiva realidade de atitude profissional frente à dignidade do trabalhador, mas, suficiente porém, para levantar um certo desconforto a respeito da qualidade dos resultados do trabalho pedagógico realizado.

Dele o que pode esperar a sociedade? No caso de o nosso estudante, futuro protagonista na realidade organizacional, efetivar a administração Eu - Isso, a administração das coisas, gerindo organizações encarnando valores onde o ser humano não é mais a causa adequada?

É claro que à Escola Superior não está a reserva de responsabilidade social para assuntos de formação profissional dos estudantes. Existem outros "concorrentes" que contribuem para a formação do profissional. Por exemplo, a empresa, que seleciona profissionais adaptáveis, qualificados e capazes de maximizar os lucros, prioritariamente, sobretudo para atender às metas impostas pelo controle societário, e o mercado de trabalho que nos parece vem ditando normas antecedentes à universidade antagônicas ao bem estar social.

2.2 Uma proposta de intervenção interdisciplinar

Frente ao desafio que a realidade educacional nos apresentou, dialogamos sobre o que poderia ser feito interdisciplinarmente de vez que o estudante deveria cursar o último período em 2002.

Discutimos sobre as ementas do curso de administração. E observamos que a disciplina organização do trabalho humano não se incluía no currículo do curso. Assim indagamos, em que medida o trabalho humano é preponderante para a formação profissional do administrador?

Refletimos sobre as possíveis realidades apresentadas aos estudantes: cases de multinacionais, técnicas americanas de gestão, artimanhas dos "heróis de

⁶ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação sobre técnica. Rio de Janeiro. 1991.

business" eleitos como os "mestres da lucratividade" (para os acionistas, é claro), pelas revistas de ponta da mídia jornalística, especializadas em negócios, embora os estudantes, também, reconheçam as contradições ao estagiarem nas respectivas empresas exemplos de "gestão de pessoas", o que os levam a afirmar em sala de aula: "valores do bem comum são abstratos".

Discutimos a globalização e justamente o novo tipo de competição que se chama competição posicional, na qual quem ganha, ganha tudo e quem perde perde tudo, conhecido nos Estados Unidos como *superstar effect* (para quem?), ou seja, competição posicional, quem chega em segundo lugar é eliminado. Destacamos a não interdependência, a objetividade, a racionalidade instrumental, a administração das "coisas" como possíveis elementos constituintes do efeito bumerangue⁷ de formação profissional.

Indagamos sobre qual seria a realidade Brasil que o estudante conhecia. Até que ponto o estudante reconhecia a realidade de exclusão social brasileira? Até que ponto a realidade organização do trabalho do mercado informal brasileiro ocupava espaço na consciência do estudante?

Finalmente, optamos pela seguinte proposta de trabalho pedagógico adaptada do documento "Padrões para Avaliação de Programas"⁸,

1. Trabalho de final de curso, uma atividade de campo onde quatro categorias seriam eixos transversais do tema central: utilidade, viabilidade, ética e precisão.
2. Tema central, o trabalho informal sob a perspectiva da saúde, higiene e segurança do trabalho.
3. Para a categoria utilidade, as referências são a identificação de valores onde as perspectivas, os procedimentos e o referencial usados para interpretar as conclusões do trabalho de campo deverão ser descritos a fim de tornar claras as bases para juízo de valor.
4. Para a categoria viabilidade, deverão ser destacadas a viabilidade política, o custo - efetividade.
5. Para a categoria ética deverão ser destacados o respeito ao bem estar dos envolvidos bem como daqueles afetados pelos seus resultados. Os referências: direitos individuais, interações humanas, conflitos de interesses, responsabilidade social.
6. Para a categoria precisão deverão ser considerada a análise de informação quantitativa e qualitativa.

Justificamos que a intencionalidade desta nossa opção de intervenção é decorrência de projeto pedagógico pessoal onde é considerado que o trabalho humano, em sala de aula, deve favorecer de modo coerente a regeneração do centro atrofiado da pessoa o que pode ser possível por meio da atitude

⁷ GONÇALVES., Heloisa Helena ABQ. Cuidado! alunos vendados: bumerangues à solta. Anais do XII Enagrad. Fatores Críticos no Ensino de Graduação em Administração. São Paulo, agosto de 2001.

⁸ In The Joint Committee on Standards for Educational Evaluation. 1994. Traduzido por Thereza Penna Firme e Jorge Ferreira da Silva.

interpessoal de parceiros (professores e alunos), e não através da consideração e estudo de um objeto. Ou seja, por meio de uma relação Eu - Tu, em sala de aula, que acreditamos favorece de um modo coerente a atualização, em prol de uma nova harmonia da pessoa com o mundo. Porém, reconhecemos como uma limitação do trabalho pedagógico o desconhecimento da atuação efetiva dos estudantes egressos das Escolas de Administração e demais.

3. Inconclusão

Sabedores de que os efeitos da prática do trabalho pedagógico em sala de aula são pouco conhecidos e pesquisados, e retrabalhados individualmente, pelo corpo docente, instituímos a partir de 2000 um cadastro de alunos onde solicitamos endereço, e-mail, local de trabalho, para que daqui há dois anos tenhamos condições de contactar o recém- formado para confrontar quais são os valores que estão encontrando espaço para efetiva prática na realidade concreta nas organizações em que atuam em prol da felicidade humana. Isto ajudará a monitoração dos efeitos da nossa prática pedagógica.

Elegemos a expressão inconclusão pois nos pareceu a palavra mais adequada para representar o caso apresentado e o sentido do trabalho humano, em sala de aula. Até porque o objetivo com a proposta de intervenção interdisciplinar não teve a pretensão de prescrição de "cura" do estudante, se é que se poderia considerar que o mesmo apresentava algum mal.

Consideramos, porém, o comportamento do estudante como um efeito bumerangue estudantil, "doença" que poderia ser tratada no momento em que o estudante conseguisse praticar, de sua parte, realizando no trabalho final proposto, o envolvimento humano.

Quanto a possibilidade de mudança de mentalidade do estudante nada podemos afirmar, agora, até porque acreditamos que o curar como o educar não é possível, senão àquele que vive no face - a - face, sem contudo deixar-se absorver.

Enfim, quanto a responsabilidade social do trabalho docente - orientador de consciências, em sala de aula, no nosso entendimento começa a ter sentido e pode se expressar quando se abre um canal de escuta dialogal e se inclui a atitude Eu - Tu no projeto pedagógico pessoal, em sala de aula.